

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUSA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLÓ DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 1520 rs. — Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 32 — SABBADO, 9 DE AGOSTO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 43000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 53000.

SUMMARY.

As minhas calças (continuação) — Os contos do tio Joaquim (continuação) — Brinde — Inauguração do caminho de ferro de Cintra — Pobre Luiza (continuação) — Impressões de viagem — (continuação) — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — Estremoz — Torre de Moncorvo — Sir Williams — Chronica — Bibliographia.

GRAYURAS — Estremoz — Inauguração do caminho de ferro de Cintra — Sir Williams — Torre de Moncorvo.

AS MINHAS CALÇAS!

(MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA TRAPEIRA.)

(Continuação.)

PRIMEIRA BORRASCÁ.

O desejado dia 23 de janeiro alvoreceu enfim! Mas até que chegasse ás dez horas da noite, que impaciencia, que martyrio para mim!

Andei de relojo na mão durante todo o dia.

Quiz almoçar, porém tinha um nó na garganta, que não deixava passar coisa alguma para baixo.

Cerca do meio dia resolvi-me a sair.

O tempo estava humido, a atmosphera carregada, mas o vento não era demasiado frio.

Passei pelo Chiado, e fui pentear-me ao Baron, comprei luvas em outro Baron (além de tantos Barões portuguezes, ainda ha em Lisboa uma collecção de Barons francezes,) e dirigi-me ao jardim da Estrella, na esperança de ver o meu sol, rompendo a densidade das nuvens.

Esta rajada poetica parece roubada áquelle vate, de quem fallei em antes.

Ai de mim! Na Estrella faltava aquella estrella (e esta?) Na Estrella não havia um raio de luz, em menoscabo de todos os astronomicos nascidos e por nascer; tudo na Estrella eram trevas, como se em vez de estrella fosse um planeta em eclipse.

Eu quero mostrar n'esta parte das minhas Memorias, que tenho erudição como um lente do Instituto Agricola, ou socio da velha Academia; e ficarei sendo um sabio anonymo, ao revez de muitos sabios que por ahí andam que eu e tu, leitor, conhe-

ceamos, cujos nomes são assaz laureados, cujo louvor anda em todas as boccas, mas cujas obras nunca appareceram á luz.

Esquecia-me cumprir um preceito de romancista, n'esta obra que tem pretensões a novella, apesar do seu fundo historico; esquecia-me retratar o protagonista da acção... eu.

Pois lá vae. E não fallarei das minhas qualidades moaes; no decurso das *borrascas* ficarão talvez patentes. Vou só mostrar os meus dotes physicos e a elegancia da minha *toilette*. É assim, creio eu, que se ussa no começo dos romances.

Venha o espelho. Nem alto nem baixo, nem gordo nem magro, nem claro nem trigueiro, nem feio nem bonito... — Então que homem és tu? perguntará o leitor, és um ente negativo.

Não senhor, senhor leitor; talvez até me pareça muito com vossa senhoria, vossa excellencia, ou etc. Quasi todos os homens em Portugal são assim; e quanto ás mulheres... não se trata agora d'esse assumpto.

Cabello negro e anelado, suissa farta e bigode retorcido, tudo da mesma cor; olhos cor de avelã (não gostam?) nariz alto no meio e não pequeno; bocca um pouco trombuda, mas não muito; dentes bons na apparencia;

cachaço de frade bernardo; costas largas; peito elevado; cintura delicada; mão grossa; perna regular, e pé pequeno, mas começando a botar joanetes fora, sem medo ao vendaval que *pinta* no horizonte.

Chapeo preto, do Charles; gravata de setim castanho e azul, da Lombré; sobre-casaca cor d'azeitona d'Elvas, com gola de veludo, do Stark; colete de lã e seda, de mil cores, do Hauteville; as *minhas calças*, verde-escuro, com listas da *cor da aurora que nasce*; botas envernizadas, do Stelplflug; bengaliuha do Imberton. E mais nada. As luvas, cor de violeta, já disse que eram do Baron.

E tudo isto estava pago.... Coisa rara em um janota da capital!

Que fastidiosa coisa é esperar por um momento desejado!

Do passeio da Estrella dirigi-me a S. Isabel, e, já se vê, enfié pela rua de S. Joaquim, cruzei-a dez ou doze vezes em todos os sentidos, mas nem o meu anjo apparecia, nem havia, ao menos, uma janella aberta na sua habitação.

A pomba ainda não recolhera ao ninho.

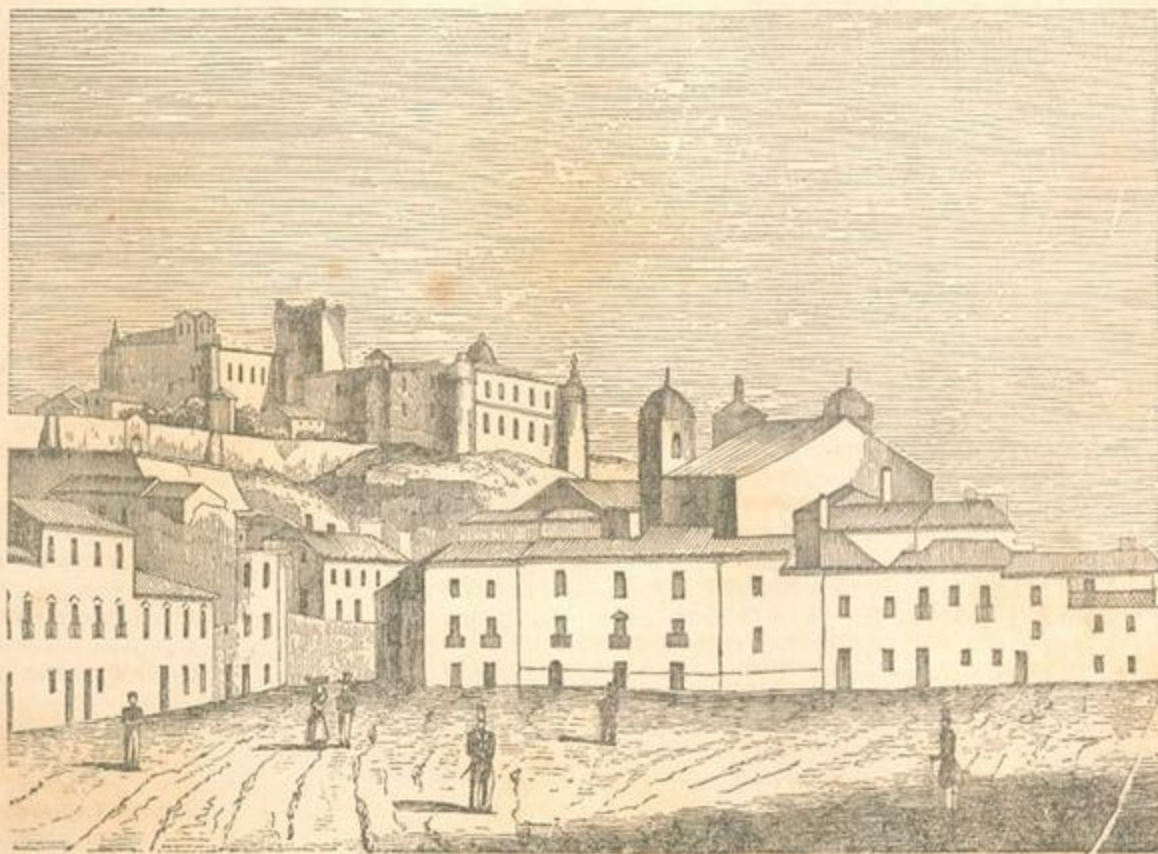
Eram tres horas. Fui para casa. Abri diversos livros, mas não entendia nada do que lá estava escripto. Depois assisti á cerimonia do jantar, como simples espectador; tomei café, e bebi dois copinhos de cognac; em seguida fumei charuto sobre charuto, sem cessar, até ás dez horas.

Os charutos eram de contrabando, muito bons.

E foi o que me valcu; senão, como havia passar uma longa noite de inverno, na anciedade em que estava?

Por encurtar razões, ás nove horas voltei á rua de S. Joaquim. As janellas do paraíso ainda estavam fechadas; mas a porta da rua conservava-se aberta. Su bi pé ante pé a estreita escada, sustendo a respiração, e fui applicar a orelha ao buraco da fechadura... silencio, completo silencio em casa. No segundo andar é que havia movimento. Tres ou quatro cr canças berravam ali desapietadamente.

Desci com menos cautela; e, com a pieguice propria dos namorados, parei á porta da rua, olhando para as janellas do primeiro andar; ahí ficaria embasbacado, provavelmente, por muito tempo, a não ser um pingo (não pude averiguar bem de que era; agua simples não me parecem) que me veio cair exactamente na ponta do na-



Estremoz.

riz; dei um pulo, como quem não esperava aquella aspersion, e uma sonora gargalhada respondeu ao meu movimento.

É natural que fosse alguma das interessantes creanças do segundo andar, que se estivesse divertindo.

Afastei-me para o outro lado da rua, e fui caminhando devagar ao longo da parede. A luz de um candeeiro de gaz vi no meu relójo que eram nove horas e meia.

Só faltava meia hora para o momento ajustado... mas aonde estava a dama dos meus pensamentos? Ter-me-hia enganado? fugiria, sem ao menos me dizer o seu nome!

Quando fazia estas reflexões, passou com rapidez junto a mim uma carruagem de aluguel, e figurou-se-me que a conduzia a ella...

Mas a gente em toda a mulher vê a *Ella*...

Não!... Não me enganei!... Lá parou a carruagem á sua porta; lá se apeia alguém: mais de uma pessoa (por força, não podia vir só)... e eu que não trouxe a luneta... parece-me muita gente... se eu perguntasse ao boleeiro... Ora! já elle lá vae a trote rasgado... e a porta fechou-se. Observemos.

Leitor, tu calculas o que são estes momentos de anciedade, ou já passaram por ti?

Leitora, tem dó dos que soffrem... E a quantos terás feito soffrer!... Não te rias, por piedade.

Reinava o mais profundo silencio em toda a rua.

Acabava de se fechar a ultima janella; e as luzes do gaz bruxuleando morticças, não desenhavam nas paredes nem na calçada a sombra de algum vulto humano. Dir-vos-hieis a cem leguas do povoado, ou no interior de um carneiro, porque o proprio ceo, pardacento e opaco, similhava bem a abobada de um subterraneo.

Acabavam de soar as dez horas, e eu anhelante, tremulo, indeciso sobre o partido que tomaria, havia-me encostado a uma porta, em frente mesmo da casa da minha houri. Todo eu era ouvidos. Contava as pulsações do coração, sem necessidade de comprimir o peito.

Senti abrir-se manso e manso uma das janellas da mysteriosa casa, e posto que lá dentro não houvesse luz, percebi distinctamente um vulto de mulher, e adivinhei que era *ella*, avançando com passo cauteloso para a sacada. Olhou em todas as direcções, e vendo-me caminhar para o meio da rua, deixou cair uma chave, e recolheu-se com a mesma precaução com que apparecera, cerrando de novo a janella.

Apanhei a chave... Seria a chave do paraíso!

Hesitei um momento... Depois resolvi-me a experimentar se a chave abria a porta da rua, e, se abrisse, subir cautelosamente até ao primeiro andar. Recuar, seria uma covardia!

Felicidade!... A porta rodou sobre os gonzos. Eis-me no primeiro patamar, e a mão *gantée* de uma mulher segurando na minha mão, e attrahindo-me docemente para si.

Em poucos minutos tinha atravessado uma pequena casa e um corredor, e achava-me sentado em macio sofá, n'um elegante quarto de toucador, tendo junto a mim a mulher desejada.

Este quarto era debilmente alumiado por uma bugia, encerrada em um vaso de transparente alabastro, aonde se lia em letras doiradas:

For ever and ever!

— Oh! sim, eternamente! murmurei eu a meia voz, mas com grande entusiasmo, aproveitando o ensejo que me proporcionava o meu tal ou qual conhecimento do inglez, para abraçar ternamente e beijar a minha deusa.

Ella ergueu-se vivamente, e cruscando o index sobre a bocca, ordenou-me silencio. Foi espreitar á porta, e depois voltou com meneios graciosos para junto de mim.

Tive occasião para a examinar miudamente.

Quereis um esboceto d'esta gentil creatura?

Clara, fresca, loira, airosa, já vos eu disse que ella era. Que tinha os pés pequeninos tambem nós vimos, ou antes vi eu, graças á ventania. Que mais quereis no exterior de uma mulher?

Estava vestida com gosto e com riqueza: creio que nada faltava para tornar completa a seducção.

— Que noite feliz que eu vou passar! dizia a mim mesmo, no cumulo do prazer; mas eis que vejo franzir-se o reposteiro da alcova, e correndo para um dos lados mostrar-me no limiar um homem já de idade, porém armado de duas pistolas, que apontava serenamente para mim.

A bella deu um ai, e desmaiou... Isto não só é obrigado no romance, porém mesmo na vida real.

Eu... tive medo... porque o não heide confessar?

Mas visto que o homem se conservava silencioso como a Estatua do Commendador, lembrei-me de representar o papel de D. João Tenorio.

— O que é isto, senhor? Que pretende de mim? bradei, erguendo-me, como um soffrivel actor.

— Sente-se. Disse o homem, e avançou dois passos para mim, engatilhando uma das pistolas.

Aquelle som metallico do gatilho, fez-me cair instantaneamente e sem replica sobre o sofá.

A menina tornou a si n'esse momento... Provavelmente assim o determinava a *rubrica*, no papel que lhe fôra distribuido.

Porém eu não percebia absolutamente nada d'esta embrulhada, nem previa o fim da historia... desconfie, todavia, que me estava reservada a parte de victima expiatoria. E como nunca fôra victima dos ultimos acontecimentos passava um *malo rato*, para me expressar como os nossos caros vizinhos dos fusilamentos.

Depois de novo silencio, foi o homem emfim que se resolveu a tomar a palavra para explicar o estado da situação, como se diz em politica.

— Sou tutor d'esta menina, que já não tem pae, disse o velhote com o ar mais solemne do mundo; sua mãe está ali,— e a um signal do orador appareceu theatralmente a velha encarquilhada, que eu vira na rua da Bitesga,— e o senhor vae assignar uma promessa de casamento áquella que deshonrou, ou eu brado por soccorro, e então assignará de dentro das grades do Limoeiro.

Era a minha vez de entrar em scena... Entrei como quem não tinha lições do ensaiador, nem havia estudado a parte.

— Pois eu heide casar á força com esta senhora, que não vi senão duas vezes, e por pouco tempo, e em quem, pode dizer-se que não toquei?

— Está o senhor no toucador d'ella, e a estas horas da noite, ou não está?

Eu já via um cento de vultos a bailarem diante de mim; pistolas, espingardas e punhaes a voltejarem, e acima de tudo a escriptura de casamento que o velho me estendia com a mão esquerda, tendo passado para a direita os dois instrumentos mortiferos.

Peguei machinalmente na escriptura, promessa, ou o que quer que era (os termos da chicana não é o meu forte) e machinalmente tambem vi o nome da minha noiva: chamava-se D. Eulalia Demetria de... quatro ou cinco appellidos de familia.

Olhei para a senhora D. Eulalia... Parecia estar por tudo; resignada, enxuta.

Eu é que não estava nada socegado; a situação era ao mesmo tempo perigosa e ridicula, e em taes casos tudo é melhor do que a incerteza. Levantei-me pois com ar de Ferrabraz, e disse em tom resolutivo:

— Gosto muito d'esta menina; talvez não duvidasse casar com ella, quando conhecesse melhor as suas qualidades; mas á força não caso... não caso... e não caso...

Puz o chapeo na cabeça, sacudi o pó das calças com a chibatizha, e dispuz-me para acender um charuto.

Entretanto o velho depozera silenciosamente o papel sobre a mesa, passara uma das pistolas para a mão esquerda, e precedido da coruja, que tinha um castiçal com vela acesa na mão, desaparecia por detraz do reposteiro.

Vendo-me a sós com a rapariga, lembrou-me experimentar um meio de salvacão... se acaso ella não estivesse connivente com os velhos.

— Eulalia! exclamei eu, que quer dizer esta traição! Porque quiz zombar de mim? Que lhe fiz para me tratar tão infamemente?

Eulalia caiu de joelhos a meus pés, banhada em lagrimas, e unindo as mãos supplicantes:

— Amo-te muito, balbuciou, amar-te-hei eternamente, *for ever and ever!*...

O que então senti não sei dizer... era uma verdadeira *borrasca do coração!*

Acordei d'este sonho sentindo abrir uma janella. Terrivel realidade! Ali estava uma das pontas do dilemma fatal!... Não assignava a promessa de casamento, mas tinha de apparecer nos tribunaes como seductor ou ladrão nocturno... Via desde já o aspecto da cadêa... a cadêa do Limoeiro para evitar a cadêa do matrimonio!...

N'aquella occasião é que eu não estava para calimbargos. O reposteiro afastou-se outra vez, e mostrou-me uma sala bem alumada, e uma janella aberta de par em par. O velho e a carcassa entraram de novo no quarto.

— Assigne ou apito, disse o velho, com aquella conscição que os leitores já lhe conhecem; e d'esta vez trocára uma das pistolas pelo fatal assobio municipal.

Um abysmo profundo se abria diante de mim, e ia lançar-me na sua voragem, de olhos fechados, como uma victima da fatalidade, quando um raio de luz me atravessou o cerebro, mostrando-me, não o caminho da esperança, mas a estrada do desespero, que algumas vezes conduz tambem á salvacão!

— Assignarei esse papel, disse eu, aproximando-me de uma mesa, aonde havia tinteiro e penna.

— Viva Deus! bradou o velho alegremente, depondo sobre o sofá a pistola e o apito, e munindo-se da escriptura.

— Morra o diabo! exclamei então, atirando com o velho e a mesa ao meio do chão, graças á herculea força que dá o medo. E sem me demorar um momento, atravesso o quarto e a sala, e precipito-me da janella abaixo com a ligeireza do mais habil acrobata.

Ao tocar a rua com os pés, apalpei-me... não tinha quebrado nenhuma das pernas!

Lembrando-me do posto municipal que ha junto a S. Isabel corri na direcção opposta... mas que corrida!

E um trio do tutor, da mãe, e da filha, bradando: — Ó da guarda... ó da guarda!... E os *rouxinol*es da policia silvando horrorosamente... E logo o tinir d'armas, os passos de gente que corria na minha pista, e ainda ao longe a voz do velho, gritando: — Agarrem-n'o... agarrem-n'o; é um ladrão de calças verdes com riscas cor de vinho.

Antes de chegar ao Rato tinham-me perdido o rasto, e comecei a caminhar a passo, para não ser agarrado por suspeito. Ai! Se me pilham com as minhas calças denuncianteis, de que me aproveitou aquella supremo esforço de me lançar por uma janella fora?

Fazendo estas tristes reflexões cheguei á minha rua, e saudei a trapeira como um porto de salvacão! Podia-me considerar livre do casamento forçado... mas ainda me lembrava a formosa Eulalia... Se ella seria do conluio?

Por pouco que esta minha aventura tenha interessado o leitor, sempre hade desejar conhecer mais a fundo aquella boa familia da rua de S. Joaquim.

Pois eu lhe conto em poucas palavras, como fui instruido de quem era aquella santa gente.

No domingo seguinte fui passear ao jardim de S. Pedro d'Alcantara, por ser o menos concorrido. Não levava as fataes calças, mas ainda assim estava com um ataque de *spleen*, como tenho muitas vezes, e não queria encontrar *amigos*... Porém isto nada vem ao caso; o que o leitor precisa saber é que encontrei Eulalia passeando com a *mamã* ao longo da muralha, e que vi o caro tutor conversando com outro homem ao pé do busto de Ulysses.

Então desejei encontrar um *amigo* no interlocutor do velho... e o acaso favoreceu-me; era de feito meu conhecido o tal homem, era o sr. Guedes.

Querem saber quem é o sr. Guedes? — É um rapaz baixo e magro, delicado como uma dama, com pouco mais de vinte annos de idade; gentil, tãful, e rico. Um dos poucos verdadeiros leões da capital.

Esperei que se despedisse do tutor da minha Eulalia, e travando-lhe do braço, conduzi-o a passo acelerado até á praça do Principe Real.

Ali parando, perguntei-lhe:

— Quem é aquelle homem, com quem fallavas lá em baixo?

— É um tratante, que tem enriquecido, como tantos outros, por espertezas dignas de serem galardoadas nas galés ou na forca. A mim já me roubou uma boa conta... Aposto que te fez o mesmo?

— Não; mas ia sendo peor, queria casar-me com uma pupilla sua.

— A Eulalia?... á... á... á!... Ora conta-me isso!

Contei ao amigo Guedes o que o leitor sabe, e eis aqui em resumo os esclarecimentos que elle me deu.

O velho era de facto tutor de Eulalia, e a esse encargo paternal uniu o de seu amante. Segundo diziam a rapariga estava agora no estado interessante, e era provavelmente para encobrir os seus cuidados paternaes que elle queria casar a pupilla, e que lhe encarregou de arranjar um namorado. Eulalia o que mais desejava era ver-se livre d'aquelle estafermo, e já teria fugido de casa se alguém lhe houvesse proposto esse caminho. Mulher sem alma, prestava-se a enganar qualquer, uma vez que d'ahi lhe resultasse interesse... É de crer que vá muito longe! Quanto á velha nenhum parentesco tinha com Eulalia, era uma simples guarda a soldo do honesto tutor, homem serio, casado, jurado, e não sei se deputado.

Guedes despediu-se de mim para ir fazer a corte a uma viscondessa... Libertino!...

Continua.

OS CONTOS DO TIO JOAQUIM.

Continuação.

II

O AMOR DE DEUS.

Vae em dez annos, que isto succedeu. Ainda eram creanças muitos, que me ouvem, e estavam para crescer com licença de Deus. Por cá era o caso differente; já passava dos cincoenta e já estava como a seara madura, que espera a foice da ceifa.

Ainda não havia senão um barbeiro n'estes sitios: o mestre Ignacio de ao pé da igreja. Sabia do seu officio como poucos, e cortava nas vidas alheias, como nos cabellos e barbas dos freguezes.

Tambem a loja estava-lhe sempre cheia: uns que lhe acudiam á obra, acuada na verdade; outros, que para ali iam dar á taramella e saber do que se passava pelos sitios.

Nem uns nem outros deixavam de ser servidos: os primeiros saíam com a pelle, que nem um setim; os outros levavam medida rasa de novidades e não poucas vezes acogulada de mentiras.

Lembra-me, como se fosse hoje, que de todos os que por ali iam, um freguez havia a quem o mestre não gostava muito de ver na loja. Ninguem o diria porém ao ver as barretadas do velho Ignacio e as mesurinhas com que o acatava. Havia de ter que ver, que o não fizesse! Se era o sr. padre prior, o padre mais santo, que tenho conhecido e a melhor alma que Deus tem deitado a este mundo de Christo.

E sabem porque o mestre não engraçava com o padre prior, e até mesmo ardia por vel-o pelas costas? Era porque, o unico talvez dos freguezes todos, não fazia a

sua perna é má lingua, nem deixava deitar-lhe muito os braços de fora, quando estava presente.

— Cal-te lá, homem, lhe dizia muitas vezes, sabes porventura quantos annos de trabalho leva uma reputação a crear, quantos cuidados e lidas custa o ser honrado, para assim deitares essa obra toda por terra sem tirte nem guar-te? Se fosses fazendeiro e se gastasses cabedal e vida a fazer a tua propriedade e a amannhar as terras; se todos os dias regando-as com o suor do teu rosto, e ageitando-as com o teu trabalho, conseguisses crear as arvores de um pomarito, por bem pequeno que fosse, gostavas, que um alma damnada te deitasse fogo á casa; ou que te succedesse dar o mal nas searas e o péco no pomar? Pois olha, pomar, casa, e terras são coisas todas que uma vez perdidas se podem tornar a ganhar; mas o credito e a fama, esses é que não.

O mestre barbeiro, que se temia do bom do padre ficava sem saber de que freguezia era, e este então, que não era de reserva, nem homem, que gostasse de pôr as uvas em pisa a outro por muito tempo, tornava-lhe logo mudando de modo de fallar. Ora vamos, só mestre não desmanche creditos dos outros, pois que não pode ver entrar o mal por sua casa, que a fama de má lingua ninguém lh'a dá nem lh'a tira, e em quanto a obra, ninguém lh'a desfaz porque não a tem feita.

Era n'um domingo de manhã e a loja do mestre Ignacio estava a deitar por fora. O dono da casa tinha acabado de talhar umas poucas de carapuças e de as encaixar nas cabeças para que as talhara quando entrou o padre prior. Calou-se logo o velho e deu um ponto na bocca; porém o padre, que lhe sabia da balda, e que desconfiou da alhada, começou a fazer-lhe a cama, quasi do feitio que lhe acabei de contar, e por modos taes, que deixou o pobre do homem em lençoes de vinho.

Os que por ali estavam: que não eram muito affectos ao dono da casa, e que por vezes tinham apanhado tambem a sua maquia, começaram a rir, e aos ditos, mais ajudando ainda para o deixar em tallas.

Elle já dizia mal á sua vida, e para mostrar que não ia muito do vivo ao pintado, já tinha assente um formidavel lanho na cara de um pobre trabalhador, que lhe caíra nas unhas, e promettia continuar quando um novo freguez, que entrou na loja o veiu tirar do aperto em que se via, pondo ao mesmo tempo uma rolha na bocca de todos.

Nem mais um abriu bico. Parecia uma mó de creanças, que estando a fazer grande algarada em casa de escola, vêm chegar o mestre armado da palmatoria e com modos de dar a torto e a direito. Ficam logo caladinhos, que nem ratos, mas ainda bem o mestre não tem dado costas, tornam á mesma, ou ainda a peor, fazendo uma ingresia infernal.

Assim foram os nossos amigos. Alguns d'elles até pareceram terem visto lobo, e tanto se lhe puzeram os cabellos em pé, que o mestre teve de dar mais vezes novo fio ás navalhas, que já não queriam cortar nem por um Christo: e elle mesmo, apesar de pouco medroso, sentiu seus calafrios, quando deu de rosto com o recém-chegado.

Este não era nenhuma cara de metter medo, mas tambem não mostrava ser de muitos amigos. Entre os trinta e os trinta e cinco, os cabellos já se lhe começavam a encher de brancas, e a cara de rugas. Parecia triste; e sem dar nem uma palavra esteve na loja até que lhe chegou a sua vez, barbeou-se e saiu comprimentando todos á saída como o tinha feito á entrada.

Levou consigo o silencio, que por ali reinara. Apenas voltou para a azinhaga mais proxima começaram todos a desenferujar a lingua, como se tivessem medo de que lhe ficasse lesa com o tempo, que estivera sem bulir. É como de razão, foi o mestre Ignacio, quem atirou primeiro a sua bola.

— Excommungado de uma figa! Cruzes demonio, e embirrou com a minha loja o maldito.

— Parece que anda em peccado mortal!

— Pudera não, se elle desde que veiu para estes sitios não foi ainda á missa!

— E que olhos, que deita para a gente? Pae do Ceo! É capaz de nos dar olhado!

— Sim, que o não deu outro dia a uma jumenta, da Felicia, que desde que elle a viu não teve uma hora de saude.

— Quem a Felicia?

— Não a jumenta; se elle é lobishomem!

Calem-se lá, leva de má lingua, parece-me, que já é de mais; estarão vocês tão limpos de consciencia, para assim poderem entrar pela terra alheia, como se fosse roupa de francezes?

Era a voz do bom prior. Apenas tinha começado a ladainha, procurara logo pôr-lhe cobro, porém foi trabalho de malhar em ferro frio. Era um dize tu, direi eu, que promettia não ter fim. Todos queriam molhar a sua sopa: porém quando um carreiro velho, que era pessoa acreditada na loja, affiançou que o tal estrangeiro tinha embruxado a burra da tia Felicia e que era lobishomem, ficaram todos passados por um instante, e n'essa occasião mesmo, é que o prior pôde socegar aquella algaravia.

Ninguém se atreveu a retrucar. Todos tinham os seus podresitos mais ou menos, que o parochio sabia; e por isso todos metteram a viola no sacco, quando lhes foi com as mãos á cara, fallando-lhe nas suas culpas. Porém

o mestre Ignacio, que não era homem de se atrapalhar com qualquer coisa, quiz ver se fazia frente ainda, e se podia continuar amolando o caso.

— Mas perdoe a sua palavra honrada, sua reverendissima bem sabe que desde que para aqui veiu esse homem, ainda nem appareceu na igreja, nem em logar de reza, ou em festas da freguezia.

— E que tem o mestre com isso? Todos fallam, fallam, sem saberem o que dizem, o caso é dar á lingua. Esse estrangeiro não é nenhum herege, eu sei quem é. Se não vae á igreja, talvez que a igreja vá ter com elle. O mestre bem sabe, que não é esta a primeira pessoa de quem se duvida; outros havia que nem por muito irem á igreja, passavam por christãos de lei.

O padre tinha dado no vinte. O barbeiro ficou sem tugar nem mugir, porque se lembrava da fama de judeu, que por aquelles sitios tivera, e que lhe ia acarretando mais de uma carga de paú; e os outros, que viram as barbas do visinho a arder foram deitando as suas de molho, esgueirando-se á formiga, apenas acabaram de fazer a barba.

O remedio do parochio não produziu effeito. Porque dias depois ja tornavam á mesma, e o caso é, que tinham razão d'alguma maneira, como vão ver pela historia do tal homem, que mais tarde eu vim a saber.

N'estas alturas sempre o tio Joaquim suspendia-se por um momento, para prolongar a curiosidade dos seus ouvintes e como descansar para proseguir. Era o seu exordio, era tambem um preparo para chamar a attenção da pequena assembléa. Consequia-o sempre, mal se interrompia; de todos os cantos se ouviam vozes de diversos timbres: e depois, e depois, tio Joaquim? — Eram os *continues* parlamentares d'aquelles comicios ruraes.

— Ahí vae, ahí vae, que pressa, que teem! Julgam, que isto é malho de ferreiro, que malha sem descanso de dia e de noite? — Devagar se vae ao longe, diz o rifão: e nem é por muito madrugar que se amanhece mais cedo.

O freguez, que tanto estomagara o mestre Ignacio tinha vindo para aquelles logares havia dez annos, pelos tempos das vindimas. Alugara uma casita pequena, que fica mesmo defronte da igreja, onde está agora o Manuel Ferrador, que tem vae por meia duzia de geiras de pertenças, e para ali se metterá com mulher e filha que trazia consigo.

Parecia gente morta, não saíam nunca, salvo a mulher, que de manhã cedo ia aos seus arranjos, e não procuravam dar-se com pessoa alguma da vizinhança. E lá n'isso faziam bem, que a maior parte das vezes, estas velhas onzeneiras e vizinhas palradoras vão ás casas dos outros para darem fé do que lá se passa, e para depois á porta da rua, á tarde ou pela manhã, cortarem pelas vidas alheias como ferro de arado por terra mextida de fresco.

O que é verdade porém, é que este seu systema, não lhe tinha creado amigos, nem levantado vima reputação de encher as medidas. Todos murmuravam d'aquelle modo de viver, e estavam de alcaíta sempre, para ver se achavam o fio á meada.

Tinham reparado, por vezes, que a pobre mulher, que parecia boa pessoa, saía quasi sempre com os olhos inchados e como quem acabava de chorar; mas por mais que se pozesses á escuta não tinham nunca topado signaes de ralhos ou resingas: antes se poderia dizer, se o dono da casa não tivesse tão má fama, que viviam como Deus com os anjos.

Uma noite, alta noite, já tinham cantado os gallos, morava eu então ao pé da freguezia, ouvi tocar a Nosso Pae fora, e como tinha por costume, levantei-me para ir acompanhar o Sacramento. Era para casa do mesmo homem, que tinha visto pela primeira vez na loja do mestre Ignacio, e que estava para dar a alma a Deus.

Como o caso não era para se estar com pannos mornos, o parochio tratou de começar a confissão, e nós de sairmos do quarto para deixar o doente mais á sua vontade, como é costume. Elle porém não o consentiu, e fazendo-nos signal para ficar, disse-nos com modos, que me não passaram ainda: grandes foram os meus peccados, se a sua historia lhes puder aproveitar que a ouçam todos, porque só assim poderei servir a alguém.

Não havia que dizer, e de mais a mais o demo da curiosidade instigava-nos a ouvir-o. Ficámos, e na verdade rapazes, disse coisas para se ouvirem.

O quarto estava allumiado por uma lamparina a tremelicar e a dizer adeus. A luz que espalhava pela casa tinha um tanto de soturna e de aterradora. Á cabeceira estava o padre a alvejar-lhe as roupas, e a fallar-lhes a verdade, cercado por um nó sei que, mais do ceo do que da terra, e a seu lado o moribundo estendido na cama e estorcendo-se na agonia.

Teem visto lá para o Minho ao pé dos castanheiros uma videira, que levou um corte na cepa, e que em vez de enleada aos troncos da arvore, se lhe roja pelo chão, quasi a morrer, como uma cobra, que leva com uma pedra na cabeça? Pois assim me parecia aquella vista, que bem triste ella era!

Mas, o que me cortou o coração foi ver a triste senhora lavada em lagrimas aos pés da cama, de joelhos, abraçada a uma creança, que teria quando muito tres annos, e que adivinhando o que ali se passava, tambem carpia, gritando quasi sem parar: não quero que o pae morra; não quero que o pae vá para o ceo! Era uma dôr d'alma, rapazes, queria-os por lá e vel-os no meu logar.

— E o que disse o homem, tio Joaquim? Perguntou um dos rapazes, que não gostando muito das narrações prolixas, nem dos accidentes do discurso do narrador, procurava atalhar-o a tempo: porque de levada como ia atraz do choro, quem sabe onde iria parar.

Produziu o mesmo effeito de um *á ordem* proferido por deputado *ad hoc*, no meio de florida divagação de orador opposicionista. O tio Joaquim caiu em si, mas não gostando da admoestação, reagiu como era bem natural.

Primeiro, que tudo, disse: que como ia contar a sua vida, pedia que o ouvissem calados, e que não o interrompessem, mettendo-se-lhe na conversa como esgalacho em aivecas de arado; depois disse o que lhes vou contar, palavra por palavra.

Continua.

R. PAGANINO.

BRINDE.

Uma hora, amigos, se esqueça
Da vida a luta afanosa.
Brindemos em verso e prosa,
Até que o dia amanheça
Da cór da purpurea rosa.

Chova a graça, os brindes louros,
O calemburg, o epigramma,
Como choviam pelouros,
Quando c'os indios e mouros
Brigava o Castro, e o Gama.

Era tempo para Homeros,
Quando entre sangue e pocira
Nossos avós eram ferros;
Os netos, menos severos,
Bebem champagne e madeira.

Amam os brindes e as ceias,
Em vez do som do pelouro;
E em vez do sangue das veias,
Só corre nas taças cheias
O velho nectar do Douro.

Esta pagina modesta,
Prefiro á da heroicidade.
E em tal noite, como esta,
Celebrar em sons de festa,
Os encantos da amizade.

N'esta bola, assaz pequena,
A que dão nome de mundo,
Entre escoria vil, terrena,
Um poder, que tudo ordena,
Semeou um grão fecundo.

Esse espirito, essa cousa,
Que bafeja um sol divino,
Do vil lodo, em que repousa,
Surge ás vezes, e ao ceo ousa
Elevar-se, como um hymno.

Quem lhe inspira o santo lume,
Dos mortaes assombro e passmo,
Quando as azas de oiro assume?
É um genio, um anjo, um nume,
Que se chama enthusiasmo.

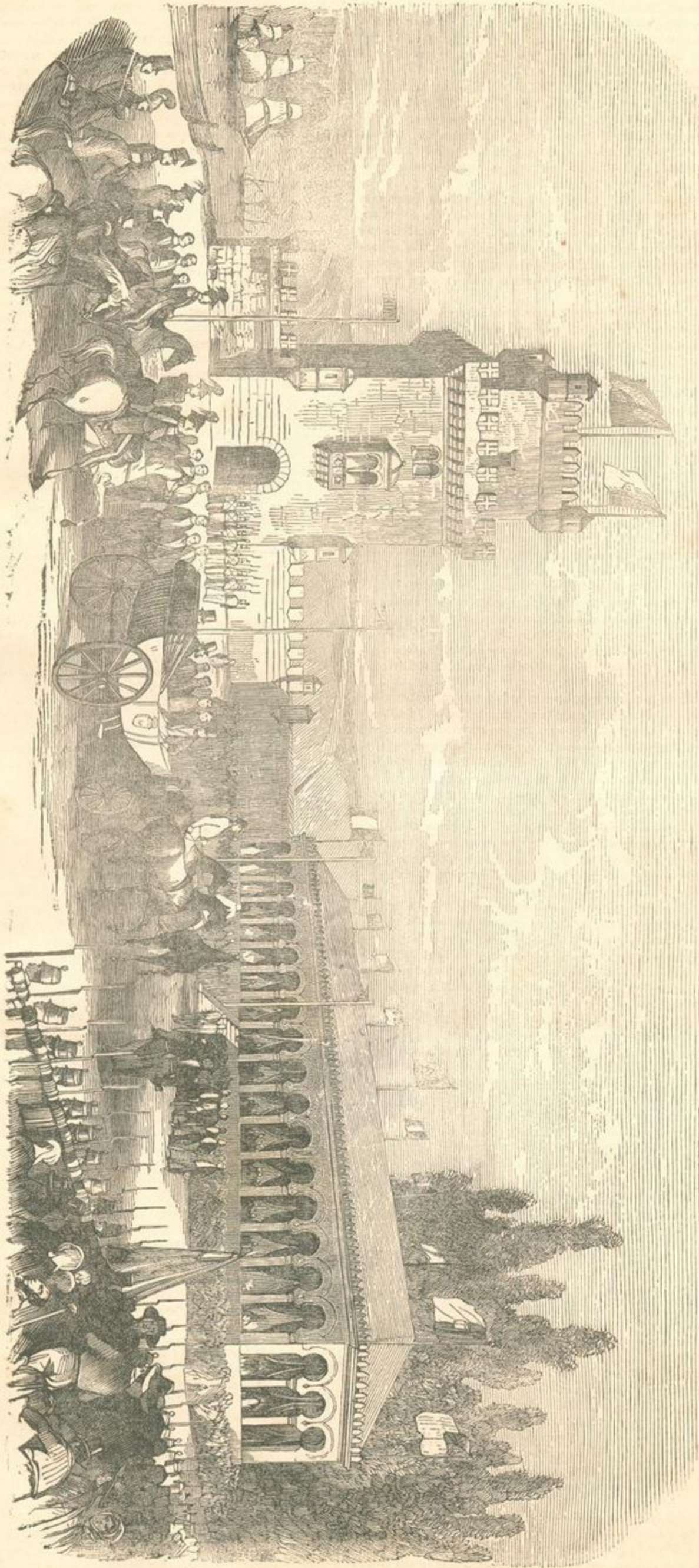
D'esse fogo em nossas veias
Vae gyrrar o saço ardor,
Brotam risos ás mãos-cheias,
E spuma nas taças cheias,
Tornado rubro licor.

Longe a embriaguez devassa
Do crapuloso Bretão!
Cada um da sua taça
Só beba quanto desfaga
Tristezas do coração.

Deixae que a turba, passando,
Com fingida sisudez,
E o nome ás coisas mudando,
Profira o termo execrando
Da sordida embriaguez.

Embriaguez é da vida
Amar o vaidoso nada,
Juntando, em perpetua lida,
A cada illusão perdida
Uma illusão começada.

Embriaguez é dos labios
Banir o franco sorriso,
Para em comedia sem siso



Inauguração do caminho de ferro de Cistern.

Seguir a norma dos sabios
Só na mascara e no piso.

O que para a um nome obscuro
Juntar um titulo vão,
Ou traz de incerto futuro,
Da vida o genio immaturo
Afoga no coração;

Que para usar de uma placa,
Que injusto premio apregoa,
Comprados hymnos entoas,
Cuidando mais da casaca
Do que da propria pessoa;

O que por causa de um nada
Finge de noite e de dia,
E n'esta vil mascarada
A vida passa cansada
Da triste monotonia;

O que em urna chapeada
Entulha grossos dinheiros,
Que lhe não servem de nada:
Eis mil loucos de enfiada,
Eis mil ebrios verdadeiros.

Aqui só reina a alegria
E não o embuste fatal,
Como em continua porfia
Costuma ser n'essa orgia
Do banquete social.

Riamos portanto, amigos
D'essa eterna mascarada,
Que já nos vem dos antigos,
E seja a nossa risada
O peor dos seus castigos.

Riamos do audaz tribuno,
Que dez annos, ao almoço,
De Marat prestante alumno,
Pediu com rogo importuno
Dos reis todos o pescoço;

Que, flexivel patriota,
Farto emfim de independencia,
E tambem de paciencia,
Beija, respeitoso, a bota
De poderosa excellencia.

Riamos do diplomatico,
Que até ao ultimo arranco
Passa a vida, systematico,
Vendo este mundo esquipatico,
Mettido n'um lenço branco.

Riamos do genio innato,
Que despresa a rude pratica
Dos canones de Lobato,
E sem saber a grammatica
Pede o grau de litterato.

Riamos do que ao espelho
A manhã passa esquecida,
Até que no fim da lida
Se encontra cansado e velho,
Sem ter gosado da vida.

Riamos do que devora
Vil inveja, orgulho vão,
E a quem perpetua demora
De continuo afasta a hora
De saciar a ambição.

Riamos do fingimento
E demos culto á verdade:
Brindemos ao sentimento,
Ao amor, suave, isempto,
À franca, pura amisade.

Deixae que, loucos, protervos,
Pretendam escarnecer-vos
Por estas doces prisões,
Os que são fracos, e servos
Das mais ignobeis paixões.

Do sentir a chamma pura,
O sorriso franco e ledó,
E zombar da vã loucura,
Amigos, eis o segredo
De ter no mundo ventura.

INAUGURAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DE CINTRA.

No domingo, 28 de outubro do anno passado, teve lugar esta cerimonia, com toda a pompa e solemnidade usada em semelhantes actos, no espaço comprehendido entre o arco que demora na rua da Praia em Pedroços e a famosa torre de Belem assentada á beira do Tejo.

Encostada ao muro da estrada que leva á sobredita torre, estava uma das faces longitudinaes do magnifico pavilhão, aberto com arcos no estylo arabe, e de trezentos e cincoenta palmos de comprido, e trinta de largura, levantado de proposito para este fim; forrado interiormente de azul e branco, que são as côres nacionaes, com profusão de flores naturaes, e adornado externamente com festões e bandeiras inglezas, francezas, e portuguezas.

O traçado do caminho achava-se balisado nas proximidades do pavilhão. Na balisa do centro, que ficava encostada ao lado direito da rua que vae do arco á torre, foi que a cerimonia teve lugar, ficando memorada em duas laminas de bronze onde inscrições latinas, com letras em relevo dourado, apontam a epoca em que se deu começo a esta grande obra, a em que foi decretada, e os nomes dos ministros que então formavam a administração.

O centro do pavilhão ficava sobre a linha do eixo d'aquelle balisamento. Era o ponto de intercepção da via ferrea, e das futuras docas; porque a companhia projecta, além do caminho, importantes obras nos seus dois extremos. Em Pedroços, um estabelecimento de banhos, tendo adjunctas escolas de natção, e gymnastica; uma alfandega, e docas, cujos planos e alçados já examinámos; e em Cintra um novo bairro que já está em construcção.

Daremos os desenhos perspectivos d'estas obras.

No centro do pavilhão havia uma mesa levantada sobre um estrado, com trinta e quatro talheres, destinada para as pessoas reaes se servirem d'um *lunch* que a companhia lhes offerencia; e pelos dois lados d'esta, em pavimento mais baixo, corriam duas outras mesas mui extensas, com duzentos talheres para os convidados.

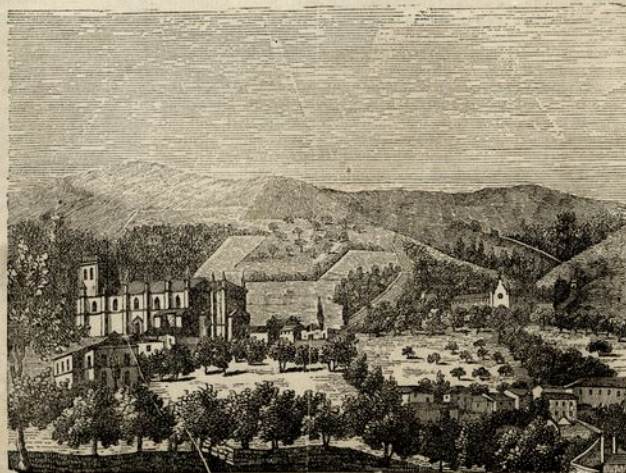
O regimento 1 de infantaria formava a guarda de honra, e estava postado junto ao arco com a frente para a torre. A musica de lanceiros achava-se junto á balisa da inauguração.

Pelas duas horas e vinte minutos da tarde, a artilheria da torre, e as grandolas annunciavam a chegada de sua magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, e suas altezas os Srs. Infantes D. Luiz e D. João, que foram recebidos pelos membros do ministerio, corpo diplomatico, directores da companhia, e mais pessoas convidadas para esta solemnidade.

O povo, que em grande numero concorreu ali, formava alas, por entre as quaes atravessou a regia comitiva. O conde de Claranges Luccotte, conduzindo sua magestade o Sr. D. Fernando ao logar da inauguração, apresentou-lhe uma picareta de prata, e sua magestade, batendo com ella sobre a



Sir Williams, defensor de Kars.



A villa da Torre de Moncorvo.

pedra fundamental, declarou inaugurados os trabalhos.

Terminada a cerimonia, dignaram-se sua magestade e altezas aceitar o *lunch* que a companhia lhes offereceu, e permittiram que se assentassem á sua mesa os ministros estrangeiros, o ministerio, os officiaes da casa, o conde de Claranges Luccotte, o visconde de Thamberg, o barão de Oliveira, e o sr. de Lafressange, pertencentes á referida empresa.

Em volta do pavilhão circulavam milhares de pessoas de todas as classes e condições, que alli tinham ido atrahidas pela festa. Era pittoresco o effeito d'aquella scena, á beira do Tejo, sobre a praia, desassombrado como estava o horizonte, pela magnificencia do panorama que se desfructava.

As cinco horas da tarde terminou aquella festa deixando agradável impressão em todos que n'ella tomaram parte; o que foi de feliz auguro para a prosperidade da empresa, que desde então proseguiu nos seus trabalhos, estando hoje bastante adiantados.

O atterro do caminho de ferro, desde o posto fiscal da sande, em Belem, para além do rio da Cruz Quebrada, acha-se quasi completo.

As obras de arte que se comprehendem n'este espaço são uns pequenos aqueductos, e a ponte do Argeis, já construidos, e a grande ponte da Cruz Quebrada, que dentro em poucos dias estará concluida.

N'este extremo da linha trabalham effectivamente seiscentos operarios.

Devemos advertir que só entram n'este computo os empregados em trabalhos braças, não contando os de carreação, fiscalisação, etc.

A linha ferrea, que tem de extensão vinte e nove kilometros, segue por Caxias, Bareaens, Cacem, e Queluz debaixo, havendo n'estes pontos principaes as competentes estações. A utilidade que se pode colher da linha passar por estas localidades está demonstrada pela abundancia dos generos que d'ahi vem para abastecimento da capital, especialmente combustiveis em que é farto o terreno percorrido pela linha, e que hoje com tamanha despeza são carreados para Lisboa.

As obras no outro extremo da linha — Cintra — constam de atterros, e de um tunnel, já em começo, proximo ao sitio denominado a Portella.

Além d'estes trabalhos, que pertencem propriamente á via ferrea, ha os da nova villa que o conde de Claranges Luccotte ali está fazendo construir, no ponto da principal estação d'este caminho, e que é um novo bairro, achando-se já em construcção vinte e duas excellentes propriedades de casas, que reunirão á commodidade do preço as necessarias condições de uma agradável vivenda.

N'este extremo da linha andam empregados quatrocentos trabalhadores.

A linha ferrea, e as outras obras d'arte que o conde de Claranges Luccotte tem mandado pôr em construcção, calculam-se em 4500 para 5400 contos de réis.

A vantagem d'estas obras é demonstrada pelo incremento que a capital vai tomar com as construcções no concelho de Belem, e a rapidez de communicações com a villa de Cintra, que durante a estação calmosa é a vivenda preferida pelas pessoas mais abastadas de Lisboa.

Seria, contudo, para desejar que a via ferrea não passasse ali, e que entroncando na que seguisse beiramar até ao Porto, recolhessemos a vantagem de comprehender n'um d'estes novos meios de viação e conducção, o commercio marítimo que se pode fazer pela costa do paiz até á segunda cidade do reino.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

II

A CARTA.

Quando tornei a mim achei-me na cama. O medico recommendou-me a dieta, e prohibiu-me sair.

Ao perguntar, depois de restabelecido, qual tinha sido a minha doença, responderam-me que um typho.

Foi então que pela vez primeira, depois que caí de cama, me veio á lembrança a serie de acontecimentos por que passara.

Durante muito tempo delirei, segundo me disseram; depois caí em um abatimento que me levaria á sepultura, se não fosse a cuidadosa assiduidade com que fui tratado.

Sobre a minha doença não me disseram mais palavra.

Passados alguns dias, quando já passeava pelo meu quarto, chamei um criado em quem tinha alguma confiança, e disse-lhe que perguntasse á dona da casa quanto lhe devia.

O criado voltou d'ahi a instantes, dizendo que estava tudo pago.

—O sr. Eduardo, continuou elle, não deve admirar-se. Isto fica aqui entre nós, porque me recommendaram segredo. Quem pagou a despeza toda da botica e as visitas do medico foi a senhora que esteve para morrer afogada. E ainda mais. Não se tirou da cabeceira do seu leito em quanto o senhor esteve doente. Foi preciso que o doutor lhe dissesse que corria o risco de soffrer alguma alteração importante na sua saúde, e lhe ordenasse positivamente o repouso, para ella se retirar. Coitadinha. Chorava que parecia uma criança. Olhe que todos os dias manda saber como v. s.^a está.

—Mas quem é essa mulher? lhe perguntei eu, estimulado pela curiosidade que tinham feito nascer em mim semelhantes palavras.

O criado balbuciu em vez de responder-me.

Foi preciso insistir com elle para saber o seguinte:— A minha enfermeira chamava-se Luiza de... e, segundo o que lhe dissera um criado d'ella, com quem por mais d'uma vez tinha tido longas praticas, a tal senhora era uma d'estas mulheres, que sem possuir rendas, gastam sommas immensas, e não hesitam um instante quando se trata de satisfazer o seu menor capricho. Ainda assim, continuou o criado, disse-me elle, que a patroa era bem fideja e dava muitas esmolas. Mora aqui muito perto, proseguiu, e se o senhor quer, digo-lhe onde é; e juntando a acção á palavra, apontou-me para um muro muito alto, que se avistava da janella do meu quarto, e no meio do qual havia um portão de ferro.

Imagina tu como eu ficaria depois d'esta revelação. Logo que pude sair fui a casa d'aquella que para mim já não era desconhecida.

A idéa de que inspirava interesse a alguém, posto que fosse a uma mulher incognita, indemnizou-me do muito que soffrera.

Ao encaminhar-me para a ver, o meu coração batia apressado. Era um sentimento confuso, mas agradável, o que experimentava, e que a propria razão não repellia.

No instante em que transpuz a porta de ferro, o sol, caminhando já para o seu occaso, vinha coar-se por entre as janellas da habitação de Luiza, dando animação e um certo colorido aos objectos que occupavam o interior.

Dir-se-hia ao vel-o assim esmorecido e desaparecendo gradualmente, que o rei dos astros, baixando do seu throno de nuvens, vinha prestar homenagem á belleza terrestre, e deixar-lhe a sua ultima saudade.

A casa constava apenas de *rez-de-chaussée* com dez janellas de frente. Aos lados havia cavalharia e cocheira. Toquei a campainha, e logo depois appareceu um criado.

Perguntei-lhe se a senhora estava em casa. Ouvindo a sua resposta affirmativa, entreguei-lhe um bilhete de visita, dizendo-lhe que não queria incommodal-a; e que me retirava para em occasião mais opportuna cumprir pessoalmente os meus deveres.

Voltei para casa em um estado de agitação incrível. Não sabia o que fazer. Umaz vezes condemnava-a como a sociedade condemna os que são indignos d'ella; outras, inspirava-me compaixão, comprimia-se-me a alma, e assim passei quasi todo o dia suspenso entre a benevolencia e o desprezo.

Mas eu devia-lhe muito. Não velara ella durante tan-

to tempo á cabeceira do meu leito? A lembrança do naufragio esquecera-a porventura? Não pagara com sacrificios, com o risco até da sua propria vida um acto que mais se poderia chamar temeridade que dedicação?

E depois eu não a conhecia quando a salvei. O que fiz, não hesitaria em repetil-o se presenciasse outra desgraça. O favor, pois, não fôra feito a ella. Foi o sentimento sublime do amor do proximo que me calou n'alma e me deu forças bastantes para praticar semelhante arroj. Portanto era eu que lhe devia gratidão, mas gratidão immensa, porque ha dividas impagaveis, e a minha entrada no numero d'estas.

Nem durante um minuto foi possivel afastar da imaginação este pensamento.

No dia seguinte pela manhã recebi esta carta de Luiza: Illm.^o sr. — Restabelecida apenas d'um leve incommodo de saúde, que me reteve na cama algum tempo, o meu primeiro cuidado, penso eu, deve ser o de escrever-lhe, e patentear-lhe por este meio, ainda que insufficiente, todo o reconhecimento de que se acha possuido o meu coração para com V.

«Para uma mulher como eu, a acção que V. acaba de praticar é inapreciavel. Revela-se n'ella toda a pureza da sua alma. É a traducção fiel dos seus nobres sentimentos, das excellentes qualidades que lhe adornam o espirito.

«Sei que veio a minha casa. Bem longe de ser insensível a mais esta prova da sua bondade, aprecio-a muito; tanto quanto a maior parte dos homens é parca em dispensar-a ás mulheres da minha classe.

«E comtudo estranhei a sua visita. Acho-a natural, mas ignoro o intuito com que foi feita. Não me accuse de demasiadamente susceptível. As mulheres, como eu, estão pouco costumadas a crerem na sinceridade dos outros. É por isso que hesito em julgar o differente d'elles.

«Quem sabe? Talvez que ao transpor o limiar d'essa porta se achasse affectado do mesmo sentimento de indiferença e ironia, que eu leio em todos aquelles que me cercam.

«Sendo assim consinta que lhe offereça um canto ainda puro do meu coração, mas não volte a minha casa, V. talvez o unico homem a quem eu respeito, a agravar com a sua presença todos os horrores da minha terrivel posição.

Luiza de...

A leitura d'esta carta mudou completamente o fio ás minhas idéas. Luiza desde então deixou de ser para mim o que realmente era. Só vi n'ella mais um ente, que a sociedade arrojara ao crime sem lhe estalar o coração de dôr. Era mais uma victima, como quotidianamente apparecem por ali tantas, sacrificada pela desdita no altar do crime!

Não havia porventura na carta d'ella dignidade e vislumbres de pudor? Não me pedia ella que a evitasse eu? Não hesitei mais. Vesti-me e fui a casa de Luiza.

O criado introduziu-me em um gabinete contiguo á sala de entrada, onde esperou perto de meia hora.

Em um volver d'olhos reconheci a mulher de tacto fino.

Ali encontrava-se tudo o que constitue a commodidade, e aquella delicadeza artistica com que uma boa dona de casa distribue a mobilia e os ornatos.

Em uma pequena estante de mogno marchetada de madre-perola havia as obras completas de Lamartine, de Walter-Scott, e de outros escriptores tanto estrangeiros como nacionaes. Na parte superior estavam collocados dois vasos de jaspe, de forma etrusca, contendo grande quantidade de hortensias que eram as flores favoritas de Luiza.

Mais longe, e na parede fronteira caía dependurado um quadro representando a Virgem, de Murillo.

Albuns ricamente encadernados, lavas do Ethna, e d'outros vulcões mais celebres, pedras exquistas, e algumas de raro valor, medalhas antiquissimas e de diversos metaes, apparelhos em miniatura de porcellana da India e Sevres, tudo isto, e infinidade d'outros pequenos *nadas*, dispostos com immensa graça, que se não compram com dinheiro, e que por isso mesmo encerram mais valor, attestavam que a dona da casa juntava ao muito bom gosto uma instrucção não vulgar.

Em volta d'uma mesa estavam postas algumas cadeiras todas de exquisito feitio e aprimorada escolha.

O resto do quarto achava-se mobilado com o mesmo *ensemble*.

No meio d'este rigoroso exame entrou Luiza.

D'esta vez, ou pela elegante simplicidade da sua *toilette*, ou porque a minha presença lhe avivara as côres do rosto, Luiza pareceu-me ainda mais formosa. Vinha penteada á Stuart e involvida em um amplo *robe de chambre* que nem por isso lhe disfarçava mais a cintura de vespa e a alvura deslumbrante da cutis.

—Luiza, lhe disse eu, aproximando-me d'ella, e estendendo-lhe a mão que apertou docemente entre as suas; aqui me tem para provar-lhe que comprehendi a sua carta, e que sei ser grato ás pessoas a quem devo finezas, qualquer que seja a posição que occupem na sociedade. Para mim, Luiza, não ha distincções. Sem paes nem parentes sobre quem possa recair o odioso ou caber a gloria dos meus actos, porque não heide eu estender a mão á mulher que velou por mim nas horas de agonia?

—Meu amigo, redarguiu ella, com as lagrimas nos olhos, apontando-me uma cadeira, e sentando-se junto a

mim, é esta a maior alegria, que tenho sentido na minha vida. Acredite-o, Eduardo, consinta que o trate assim, veio dar-me agora um prazer para que não estava preparada, que é superior ás minhas forças. Bem vê que digo o que sinto. Nunca esperei que fosse tão bom. Que um homem arrisque a vida por uma mulher que não conhece, isto comprehendo eu; mas que esse mesmo homem não duvide dar-lhe a sua amizade, quando ella se apresenta aos seus olhos tal qual é, Eduardo, uma acção assim honra aquelle que a pratica, e purifica a pessoa a quem é dirigida.

—Luiza, não exagere as minhas qualidades. Lembrese de que sou homem, e não esqueça o que praticou por mim, que é nobre, que é admiravel, mais do que pensa. Julga que ignoro o seu comportamento, a sua dedicação, que pagou...

Luiza, pondo-me a mão na bocca, não me deixou continuar. Depois proseguiu:

—Ai, Eduardo, como é triste ser uma mulher como eu sou. Não me considera indigna de si? Não lhe parece hedionda a minha posição? Oh! de certo que parece, nem pode deixar de ser. A mulher, como eu, não é dado aceitar uma affeição como essa que me propõe. Guarde para quem a merecer a sua amizade ainda pura e não manchada pela maldade dos homens. Não posso, nem devo aceitar-a. Seria ornar-me a fronte com a corôa da virgem, e eu nada sou.

Avaliei então a delicadeza d'aquella alma, que prescindia do meu affecto por se julgar indigna d'elle. Luiza era sublime d'evangelica resignação, sacrificando assim, profunda e visivelmente maguada, a minha amizade. A contracção violenta dos nervos, que tentava encobrir, e o sorriso affectadamente natural que lhe pairava nos labios, diziam bem a revolução d'idéas que se lhe agitavam no cerebro.

O crime não corrompera talvez aquelle espirito. Vergou o corpo ao peso dos desenganos, como o arbusto tenro e fragil se quebra com o embate dos ventos, pensei eu; na alma, porém, lançara a virtude profundissimas raizes para entrar lá a corrupção.

—Cada vez a admiro mais, Luiza, lhe redargui. Soube esquivar o espirito ao contagio da molestia que lhe minava o corpo. Fez o que pôde, talvez. Não estava mais na sua mão. Mesmo assim foi grande a victoria, que alcançou sobre a outra, a primeira d'estas substancias. Se não fôra o muito mais que vale, Luiza, seria isto bastante para merecer a minha affeição.

—Agradeço-lh'a, Eduardo, me disse ella, e accito-a porque Deus bem sabe a necessidade que tenho d'ella. Não pode fazer idéa da isolação em que o mundo colloca as almas da mulher como eu. É tão triste viver assim! Se não houvesse distrações estava já morta ha muito tempo. Ao menos era bom que a Providencia me arrancasse d'este mundo de corrupção em que vivo.

E ao dizer estas palavras, Luiza escondia a face entre as mãos como que para fugir á realidade do seu estado.

Como era medonha aquella existencia! Que triste e eloquente exemplo d'impotente desespero e de dolorosa resignação não era aquella mulher que lutava com o crime sem poder vencel-o, e que por fim caía extenuada, tendo perdido a esperança de rehabilitar-se para o mundo!

Para uma mulher como Luiza era, pensava eu, nem sequer um vislumbre de felicidade raiava no vasto horizonte da vida. A sua alma fôra fadada por Deus para o bem, e a sociedade transviara-lhe o destino arrojando-a para o meio do vicio. Luiza ao mesmo tempo que tinha a consciencia da sua triste posição, possuia tambem aquelle nobre orgulho que tanto se admira em alguns desgraçados!

Foi preciso que eu a arrancasse á dôr immensa, em que se lhe afogara a alma, para Luiza continuar a conversação.

—Eduardo, disse ella depois, desculpe o eu fallar-lhe assim. Talvez não goste d'ouvir coisas como as que acabo de dizer-lhe. Desculpe-me, repito. Como nunca tive um amigo que quizesse enxugar as lagrimas que o coração verte quando penso n'estas coisas, agora que o encontrei, não pude conter-me, e fallei, fallei... talvez de mais...

Luiza despediu-se de mim com as lagrimas a rebentarem-lhe dos olhos. Estendi-lhe a mão.—Adeus, me disse ella apertando-a, e a porta do quarto fel-a desaparecer á minha vista.

Voltei para casa.

Continua.

M. L. CORREIO DE MAGALHÃES.

IMPRESSÕES D'UMA VIAGEM.

(Continuação.)

III

No dia seguinte ainda os primeiros esplendores do sol vinham raiando em casa de Christo, já sir John invadia o meu quarto, cantarelolando o *God save the king*.

Levantei-me immediatamente, e decidi-me a acompanhar o meu verdugo com resignação evangelica.

O inglez saiu a porta da casa, e entrou d'ali a momentos, trazendo um copo d'agua na mão.

Beba, disse elle, o meu amigo é excessivamente ner-

voso, e o systema hydropathico é o unico capaz de o salvar.

D'esta vez a minha indignação ia excedendo os limites da decencia: estive a ponto de lhe dar com o copo na cara.

—Uma chicara de café! bradei ao criado, que me olhava com um sorriso de compaixão impossível de descrever.

—Café! redarguiu o mabalavel sir John. Sabe o que faz! Olhe que se mata, que não vive mais um anno se continua assim!

Empunhei o copo, fechei os olhos, e bebi de dois tragos aquella enorme quantidade d'agua.

—All right! exclamou o maldito.

Eu medi-o de alto a baixo, e tratei de reprimir a colera que me suffocava.

Saimos, e com effeito vinha rompendo uma esplendida alvorada.

—Que aprasivel logar este! disse o inglez depois de haver caminhado uma hora em silencio. Sentemo-nos aqui; e indicou-me um talho de relva que ficava a poucos passos. Lembra-se do que fallámos hontem á noite? que ninguem comprehende as mulheres? Quero-lhe contar a proposito d'isso uma historia, passa-se em Portugal: é um verdadeiro drama, e talvez que o meu amigo conhecesse o protagonista.

Principiava a tomar alento para lhe responder, quando elle me agarrou fortemente no braço, e me obrigou a sentar n'aquelle delicioso recosto.

Deitei-lhe por duas vezes uns olhos de piedade, mas a minha supplica muda não foi attendida.

Era forçoso resignar-me. A orvalhada da noite tinha encharcado a relva basta e florida.

Quando cheguei áquelle macio sophá de Flora, os joelhos fraquejaram-me, correu-me um calafrio pela medulla dos ossos, e recommendei os effeitos da inevitavel cattarral á sciencia, e cuidado do meu doutor. Com a palma da mão firmada na terra, e os calcanhares estacados no chão, sobrepesava o corpo, para o livrar assim, o mais que podesse, do pernicioso contacto das *perolas matutinas*.

Sir John fallou muito tempo, mas eu não ouvi nada, excepto a voz do criado que veio arrancar-me ás garras do meu verdugo, chamando para o almoço.

IV

Dias depois, uma noite em que a chuva caía em torrentes, e o vento tempestuoso precipitando-se por aquellas serras ia revolver as ondas torvas do pleno oceano, estavam nós, depois de jantar, sentados á roda do fogão aceso, e saboreavamos, na melhor disposição de espirito, repetidas chicaras do delicioso café da Madeira.

Varios dos circunstantes, inimigos capitaes da *organisação do trabalho*, animavam o dialogo com os ditos picantes do seu espirito, e discutiam o proximo com uma singleza de estylo admiravel.

Tinha a palavra um meu particular amigo e fazia passar em revista todo o *canean* de Lisboa com a finura e tacto artistico que o caracterisam.

Eu recordava-me saudosamente da patria, tinha diante dos olhos palpitanes e coloridas as scenas e os personagens que se desenhavam, graças á elegante narrativa do verdadeiro e conciso historiador.

A conversação variara de aspecto insensivelmente, e por fim caíra no sentimentalismo puro.

Fallava-se de Portugal. Bom ensejo para continuar a narração do nosso amavel companheiro; era lá que a scena se passava, e era tambem quanto me lembrava do que me havia sido contado n'aquelle fatal manhã.

Fui eu o primeiro a dar rebate: levava n'isto um pensamento reservado que tu por certo, leitor benevolo, adivinhas.

Instaram todos, e cedeu facil o genio sociavel do nosso amigo.

Estreitou-se mais o circulo, renovou-se o lume, e eil-a a historia que começava.

Não faço modestia, digo sinceramente que tenho pena de a não poder transcrever aqui, com a simples elegancia com que nos foi contada.

Sir John recostou-se na sua cadeira, tirou duas longas fumaças d'um magnifico charuto havano, sacudiu depois a cinza com a ponta do dedo minimo, e começou a olhar para a columna espiral de fumo azul que se condensava no ar humido e frio.

—Eugenio, disse elle, era quasi uma creança quando eu pela primeira vez o vi. Nunca me ficaram feições de homem tão gravadas na imaginação como aquellas. E não era o que chamam bonito, o que em geral alcunham de elegante e perfeito. Antes pelo contrario, se o quizerem aferir pela vara legal do janota perfumado e encarcacado, faltavam-lhe todas as condições que requer a arte.

«Era alto, proporcionado e agil. Os mais pequenos gestos, os ademanes mais rasgados, não os affectava nunca; caíam-lhe sempre faceis e elegantes.

«Eu gostava d'elle por uma d'essas attracções irresistiveis que se não podem explicar.

«Remoçavam-me a alma as illusões, os sonhos encantados da sua imaginação elevada; mas experimentava quando o via enthusiasmar-se, e confiar cego no mundo, certa compaixão involuntaria que me predizia toda a fatalidade do destino que mais tarde o esperava.

«Não lho disse nunca, não tentei desbotar-lhe ne-

nhuma das suas esperanças. Elle ia despenhar-se, antes do primeiro momento que o vi; mas a queda era inevitavel, apontar-lh'a seria tormal-o mais infeliz.

«Eugenio perdera sua mãe no dia em que viera ao mundo, e seu pae quatro annos depois. Orphão, ficara entregue aos cuidados d'um tio, que lhe administrava religiosamente a sua fortuna. Este homem tinha uma filha pouco mais moça que seu sobrinho, e era um fidalgo de velha raça. No dia em que Eugenio cumpriu dezoito annos, o visconde chamou-o de tarde ao seu quarto, teve com elle uma longa conferencia, que terminou entregando-lhe uma carta que seu pae lhe havia confiado nas vespers de morrer. Entre outras coisas, um dos periodos d'essa longa missiva recommendava-lhe, que, a casar-se, escolhesse por mulher a filha unica de seu adorado irmão.

«Pouco tempo depois um accidente inesperado fez com que elle perdesse toda a sua consideravel fortuna; ficava-lhe contudo de que viver desafogadamente. Este golpe não lhe fez a minima impressão; encontrei-o alegre como d'antes, o mesmo sorriso de franqueza nos labios, o mesmo olhar cheio de fogo e de confiança no futuro.

«Decorreram dois mezes, no fim dos quaes fui convidado a passar uma noite em casa do visconde.

«Tinha-se juntado o mundo elegante, havia faces pallidas, faces de rosa, olhos negros, olhos azues, e até uns furta côres capazes de abalar os nervos de qualquer modesto burguez. Entrei eram onze da noite. O visconde foi apresentar-me a sua filha.

«Que gentil e adoravel creatura aquella! Raphael quando imaginava a sua *madona da la sedia*, não sonhou por certo formas mais castas e mais voluptuosas ao mesmo tempo do que as suas. O cabello castanho, tão escuro que quasi tocava em preto, fazia resaltar o branco-perola da epiderme, que se illuminava de desvanecido côr de rosa. Os olhos em singular contraste com o cabello, eram azues; azues purissimos, e languidos como os da gazella. Em Londres nunca os eu vi tão de lei como aquelles. Quando o pudor os baixava, então a sombra das pestanas escurecia-os por modo tal que pareciam pretos. E eu sei? Creio que é propriedade d'elles quando são assim.

—Disse sir John trocando um sorriso de intelligencia comigo.—Variam de côr segundo as sensações do espirito, por isso revelam mais que nenhuns outros.

«Vendo a vestida de branco, sem outro adorno mais que um cinto preto e uma camellia escarlate no peito, recordei-me que já me tinha apparecido em sonhos alguma coisa semelhante.

Continua.

BELHÃO PATO.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SECULO XIX.

II

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

(Continuado do num. 30).

A revolução não havia lavrado unicamente nas provincias do norte. Alguns esforços appareceram tambem no Algarve, á noticia dos acontecimentos do Porto. Os meios, porém de reacção n'esta provincia do sul, foram nullos por varias causas que não são para aqui apontar-as, e ficaram completamente aniquilados n'uma pequena escaramuça de tres horas que houve na estrada de Olhão para Faro e onde as tropas constitucionaes, faltas de munições, tiveram de debandar, indo cair por fim em poder das realistas, que, cortando-lhes a estrada de Beja pela serra de S. Braz, as conduziram aprisionadas para Faro, na tarde de 28 de maio.

Chegada a Lisboa a noticia da revolução do Porto, desinvolveu-se a actividade possivel para suffocar o movimento, já recorrendo-se a um emprestimo para fazer face á guerra, decretando-se a criação dos batalhões de voluntarios realistas e companhias urbanas, multiplicando-se as prisões dos suspeitos por desaffectos á causa do infante, já enviando as corvetas *Cybelle* e *Lealdade* a bloquearem a barra do Porto, e fazendo-se sair da capital sobre Leiria as primeiras tropas que deviam bater a revolução, e se compunham de infantaria 1, 7 e 16, caçadores 8, e uma brigada d'artilheria; tudo commandado pelo marechal de campo Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas.

Os generaes que tinham ficado nas provincias do norte não se descurdaram de armar instantemente os povos em guerrilhas, chamando ás armas as milicias.

A junta do Porto, talvez por falta de generaes competentes, conservou-se apathica em presença da energia que o governo de Lisboa desinvolveu. Limitou-se unicamente a enviar para Coimbra uma delegação, que chegou a esta cidade em 14 de Junho, sem depois d'isso adiantar em coisa nenhuma as operações da campanha.

Era commandante das forças constitucionaes o brigadeiro Saraiva, que por ser a patente mais graduada fóra investido n'aquelle commando, mas que infelizmente pouco era conhecido no exercito portuguez, por ter servido e residido muitos annos no Brasil.

O general estacionou com a sua divisão em Condeixa, onde no dia 2 de junho proclamou ao exercito de D. Miguel lembrando-lhe seus juramentos á Carta Constitucio-

nal e fidelidade a D. Pedro, e com isto se contentou quando o primeiro passo devia ser marchar sobre Leiria para attrahir o regimento 22 de infantaria que ali se achava, e o 13 que estava de guarnição em Peniche e com a adhesão dos quaes se podia contar.

Tambem culpam o general de não ter destacado uma força sobre Almeida, para coadjuvar a revoltada guarnição d'aquella praça, ou favorecer-lhe a evasão reunindo-a ao exercito.

De Lisboa continuavam a expedir-se tropas sobre Leiria a reforçar a divisão da vanguarda; e porque estas forças já começavam a avançar sobre Pombal, não houve remedio senão entrar em operações.

Saraiva saiu de Condeixa, e operou um reconhecimento sobre a Redinha, e inesperadamente recolheu logo á posição anterior, retrogradando no dia seguinte para Coimbra. No entanto as forças constitucionaes tinham surpreendido na Ega cem praças do inimigo; porém este continuava a avançar, e já estava de posse de Condeixa, quando no dia 24 de junho se resolveu outro reconhecimento sobre este ponto, sendo então os constitucionaes atacados em grande força pelos realistas, e obrigados a retroceder sobre a Venda do Cego, e d'ali sobre a Cruz dos Morouços, onde finalmente se empenhou uma acção formal e renhida.

Meia legua distam de Coimbra as alturas onde o combate se travou, ficando á direita a aldeia de Atanhil, e á esquerda a colina em que havia um moinho. Atacadas com impeto as forças constitucionaes, varias vezes tiveram rotas as suas posições; mas conseguindo finalmente repellar os ataques inimigos, ao cabo de dez horas d'um vivissimo fogo, ficaram senhoras do campo, e contaram este encontro no numero das suas victorias.

O dia seguinte passou-se nas mesmas posições de parte a parte. Pela uma hora da noite de 26 principiou-se a retirada sobre o Vouga, por haver constado que uma força da cavallaria inimiga passara o vau de Pereira no Mondego. Esta retirada effectuou-se no meio de incrível desordem. Os piquetes, um regimento de milicias, munições, e até mesmo as autoridades e pessoas compromettidas pela causa liberal em Coimbra, Figueira e Aveiro, foram abandonadas. N'esta occasião o vice-reitor e secretario da Universidade confessaram a divida em que estavam para com Bernardo de Sá Nogueira de não serem sacrificados, porque foi elle, que então era major de engenheiros, quem por um bilhete particular os mandou advertir d'aquella retirada.

Nas margens do Vouga pararam os corpos onde a cada um muito bem pareceu; a delegação da junta continuou a sua marcha sobre Oliveira d'Azemeis; e o quartel general estabeleceu-se em Grijó.

Ainda no dia 28 houve um combate de retaguarda n'aquellas posições que os corpos tinham escolhido, sobre a ponte do Marnel, que briosamente foi defendida, e mais as passagens d'aquelle pantano, pelo intrepido esforço de alguns bravos officiaes e commandantes dos corpos a quem pesava a retirada sem affrontar de novo os azares da guerra. Crusou-se rijo d'um e outro lado o fogo de mosquetaria e artilheria, tentou-se consecutivas vezes a passagem da ponte e do pantano; mas todo o esforço inimigo foi inutil em frente das bayonetas constitucionaes que o repelleram conservando as suas posições.

Tudo isto, porém, foi baldado, porque no dia 29 se deu ordem de retirada sobre Oliveira d'Azemeis, e depois para as visinhanças de Villa Nova de Gaia.

Era a fatalidade que assim o determinava.

Bem longe se estava no Porto de suppor esta serie de desastres; nem das vantagens que se diziam ganhas na Ega e Cruz dos Morouços, era para inferir um movimento retrogrado tão precipitado, e que levava as forças constitucionaes a acollerem-se aos muros da cidade onde a contra-revolução nascera tão robusta e auspiciosa. Figurava-se ali o exercito com as bayonetas sobre Leiria, o inimigo desalentado, e seguro o triumpho liberal pelas adhesões que esta victoriosa marcha faria decidir.

Foi um clarão de esperança que prestes se dissipou. O desalento teria entibiado n'essa occasião os animos do Porto, se ás aguas do Douro não chegasse o vapor que conduzia o suspirado reforço dos generaes Saldanha, Villa Flor, Stubbs, Azeredo, e outros officiaes que se esperavam de Londres.

A vigilancia do bloqueio do Douro fóra sagazmente illudida pelo *Belfast* e ao norte de Mathosinhos desembarcaram aquelles militares, o Marquez de Palmella, e os condes de S. Paio, da Taipa, do Calhariz, e varios, sendo ao todo vinte e nove que entraram na cidade como salvadores de tão critica situação.

O Marquez de Palmella foi nomeado presidente da junta, que incorporou em si muitos dos recém-chegados, e encarregou do commando em chefe do exercito ao referido Marquez. E diz-se que esta nomeação recaiu n'elle para arrancar das mãos de Saldanha este elemento de influencia, que tanto se lhe temia, porque as rivalidades haviam já em Portugal, e mesmo depois na emigração, dividido o partido constitucional por mal cabidas dissensões.

Os successos demonstraram quanto estas rivalidades foram fataes n'aquella crise. A inactividade continuou como até ali, e quando estes generaes se resolveram a encontrar o exercito, já o combate do dia 28 tinha tido lugar na ponte do Marnel, e se havia operado a retirada do Vouga. Não é em semelhantes conjunturas que a hesi-

tação se pode lançar á conta de prudencia, e a experiancia tem provado que o bom exito das revoluções depende de se não perder um momento. Pelas duas horas da tarde do dia 2 de julho a junta celebrou uma conferencia, e n'esta, fazendo-se uma exposição onde o valor não entrou por certo, os antigos membros d'ella descreveram horrorosa a situação do Porto, facil pela parte do norte a qualquer invasão inimiga; indicaram para o dia seguinte um ataque pelas forças realistas, e resolveram dissolvê-la, induzindo o exercito a passar á provincia do Minho, d'onde facil lhe seria seguir para Hespanha, no caso d'a sorte das armas lhe ser contraria. Este alvitre prevaleceu, e logo n'essa noite a junta, os generaes recém-chegados, e quantos se presumiam mais comprometidos, embarcaram a bordo do *Belfast*, que na madrugada do dia seguinte tinha de largar do Porto.

O que, porém, se não fizera no dia 26 do mez anterior quando chegaram áquella cidade, tentou-se n'esta hora extrema. Investiu-se o general Saldanha no commando em chefe do exercito, e entregou-se-lhe a presidencia de um novo governo, do qual o coronel Francisco da Gama Lobo Botelho e o doutor Joaquim Antonio de Magalhães foram nomeados membros, para decisão das materias que não fossem puramente militares.

Agora para bem precisarmos a situação em que o novo general se encontrou, devemos passar uma ligeira revista ao estado das coisas ao norte do reino.

O regimento 12 de infantaria, de que era commandante o coronel Lago, tinha em si elementos constitucionaes que se chegaram a manifestar em favor da junta do Porto; mas foram subjugados pela parte que se conservou fiel ao partido de D. Miguel.

D'aqui se seguiu formar-se em Amarante um nucleo, que engrossando rapidamente pelos esforços dos generaes realistas n'aquellas provincias, neutralizou as tentativas da divisão composta do regimento 21, um batalhão de 9, e outro de 18 de infantaria, com varios contingentes de caçadores e artilheria, que ficou primeiramente estacionada em Braga, sendo forçada a retirar-se d'ahi e de Guimarães sobre Vallongo, ameaçada pelas forças dos generaes Franco de Castro e Gaspar Teixeira.

O general Azeredo, que fôra convidado a tomar o commando d'esta divisão liberal, tendo chegado a Vallongo empenhava-se em impedir que as tropas de Gaspar Teixeira se reunissem ás de Guimarães e Penafiel, quando ali o foi encontrar um convite do general Stubbs para uma conferencia militar no referido dia 2 de julho; e vindo para esse fim ao Porto na sobredita noite, só então soube o resolvido pela junta n'aquella tarde. Este general officiou immediatamente ás tropas do seu commando para irem unir-se ás que ficavam no Porto, e embarcou tambem no *Belfast*.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A TORRE DE MONCORVO.

Em Traz-os-Montes, uma das mais ricas e fertis provincias de Portugal, proximo do valle de Vallariça, entre o Doiro e o Sabor, está situada a villa da Torre de Moncorvo.

É desconhecida a data da sua fundação. Uns, porém, attribuem-na a D. Fernando, o Magno, de Castella, porque, dizem, fôra elle quem primeiro, em 1140, ordenara que fosse povoada a villa. Asseveram outros que só em 1216 é que D. Affonso II de Portugal tomara a iniciativa, mandando organizar aquella povoação.

Sendo, como é, qualquer das duas opiniões duvidosa, é licito, sem incorrer em crime de lesa-historia, propender mais para uma do que para outra.

Socogados assim os espiritos timoratos, diremos que os edificios mais notaveis da villa são a magnifica igreja de Nossa Senhora d'Assumpção, o hospital, e a casa da misericórdia.

A villa da Torre de Moncorvo gosou de grandes privilegios.

Possuiu outr'ora um armazem de linho canhamo, produzido nos campos de Villariça.

Em outro tempo, como cabeça de correição, servia de residencia a um corregedor, um provedor, e um juiz de fora.

Era cercada de uma muralha com alguns baluartes, destinados á sua defesa. Tem castello de cantaria, torres e barbacãs, como quasi todas as povoações antigas.

ESTREMOZ.

Esta villa, que é hoje de muita importancia, já a tinha quando recebeu foral de D. Affonso III em 1258.

Foi este mesmo rei, que, reconhecendo a sua excellente posição, mandou, para fortificá-la, edificar o castello que ainda hoje existe.

Depois, fortificada pelo systema moderno, Estremoz concorreu bastante para abrilhantar a historia patria, inscrevendo-se nas paginas que commemoram as guerras da independencia, posteriores á memoravel epoca de 1640.

A batalha de Montes Claros, em que os portuguezes, tendo á sua frente o marquez de Marialva e o marechal de Schomberg, alcançaram uma das mais brilhantes victorias de que ha noticia, teve lugar, em 1665, muy proximo d'esta villa.

Estremoz faz parte do districto administrativo d'Evo-ra, d'onde dista seis leguas. Divide-se em tres freguezias — S. André, S. Thiago, e Santa Maria do Castello; e tem quasi sete mil almas.

Sendo o seu territorio d'uma fertilidade immensa em todo o genero de produções, a industria de Estremoz é quasi nada. Loíça, eis a que se reduz.

Entre esta, sobresaem as bilhas chamadas d'Estremoz. Ahi morreu a rainha Santa Isabel, mulher d'el-rei D. Diniz.

Nas nossas dissensões politicas, e nas guerras civis, que tanto sangue e dinheiro tem custado a Portugal, Estremoz tem figurado quasi sempre.

SIR WILLIAMS, DEFENSOR DE KARS.

Um dos brilhantes feitos da campanha do oriente foi sem duvida a defesa heroica da praça de Kars na Asia, que não obstante ter succumbido por falta absoluta de socorros de toda a casta, sustentou-se por espaço de seis mezes com pertinaz e briosa resistencia até á ultima extremidade, cuja gloria cabe principalmente a sir William Penwick Williams, actualmente despachado major general. Cumpre notar que não era Kars uma cidade fortificada, uma praça importante, porquanto as obras de defesa foram levantadas com o inimigo á vista sendo delineadas e dirigidas com summa habilidade pelo coronel Lake.

Apenas começou o degelo n'aquellas comarcas, os russos apresentaram-se em força de quarenta e cinco mil homens em frente de Kars, occupada então por uma guarnição de infantaria e cavallaria que montava a vinte mil homens, a maior parte tropas irregulares. Os russos não obstante a superioridade do numero não ousaram atacar á viva força e limitaram-se ao investimento da praça: este bloqueio cortou aos defensores os meios de comunicação, e o inimigo, senhor dos apoxes, destruiu e queimou as aldeas circunvisinhas. Facilmente se conhecerá que em presença de adversario duas vezes mais forte era impossivel romper o cerco, vendo-se, portanto, a guarnição reduzida a permanecer constantemente intrincheirada.

Logo que a Sublime Porta teve conhecimento d'esta perigosa posição, tomou providencias para prestar os necessarios auxilios, enviando para Erzerum reforços e mantimentos. Resolveu ao mesmo tempo fazer uma diversão na retaguarda do inimigo para obrigar-o a levantar o sitio; esta segunda determinação foi adoptada assim que recebeu um officio de Kars, que reclamava prompto socorro; Batoum foi o ponto escolhido para operar-se a diversão.

O movimento apresentava probabilidades de efficacia e podia neutralizar a concentração do inimigo em redor da cidade, porquanto vendo este invadidas as suas proprias provincias tentaria immediatamente oppor-se ao ataque acudindo com parte do exercito sitiante.

Taes eram, pelo menos, as disposições dos conselhos militares reunidos em Constantinopla: infelizmente não poderam executar-se logo estes projectos. Por ultimo, Erkem com algumas tropas reunidas á pressa, marchou na direcção da Georgia, ao mesmo tempo que Selim-pachá fôra mandado organizar uma reserva em Erzerum; porém este quasi nada fez em beneficio da praça, ou por má vontade ou por outro motivo, de que resultou ser depois mettido em conselho e exautorado.

Comtudo, os russos sabendo d'estas operações deram aos intrincheiramentos de Kars um ataque dos mais furiosos, e não conseguiram ganhá-os; em 29 de setembro tiveram de perda seis mil e quinhentos homens; esperava-se que soffrido este revez se retirassem para a Georgia; porém informados de que a fome e as molestias reduziam a praça ao ultimo apuro, persistiram em apertar quanto puderam o bloqueio, e por meio da sua cavallaria que montava a quatorze mil homens destruíram todos os abastecimentos nos arredores da cidade. O novo cerco tomou desde logo um character tão grave, que apesar de toda a estrategia não pôde mais ter logar a introdução de mantimentos, e as operações que deveriam salvar Kars foram de tal modo protraídas que para nada serviram. A entrega da praça foi a consequencia de todos estes factos.

O coronel Williams foi prisioneiro para Tiflis com os poucos inglezes que o acompanhavam, e em virtude da paz pôde ser restituído á Inglaterra, onde teve recepção esplendida e entusiastica.

M.

CHRONICA SEMANAL.

É do drama *Fazer fortuna*, do sr. Antonio de Lacerda, que nos vamos occupar. Noticiámos já o exito lisonjeiro que obteve, cumpre-nos agora fazer a sua apreciação litteraria. A nossa missão de chronista impõe-nos este dever, e até hoje temol-o executado á risca, sem deixar de registrar o menor acontecimento litterario, emitindo singela e francamente o nosso voto, como cabe nos limites d'uma chronica. A critica carece de mais espaço e mesmo de outras habilitações que nos faltam. Deixamos portanto esse encargo a pennas mais autorizadas e competentes, e contentamo-nos de expor puramente a impres-

são que sentimos com a representação, diligenciando sempre sermos exactos e conscienciosos.

A intenção do autor escrevendo este drama foi incontestavelmente stygmatisar com severidade o trafico horrivel da escravatura branca, que principiou a grassar entre nós, prometendo largo desinvolvimento. Illudidos por falsas promessas e seduzidos por algum oiro com que os fascinavam, centenaes de homens começaram a abandonar o lar domestico, na esperança bem depressa mallograda de conquistarem para o futuro a independencia, e alcançando por fim a escravidão.

A maior parte dos desgraçados que foram victimas de semelhantes alliciações pertencem á provincia do Minho; é pois ali que o sr. Lacerda intendeu — e intendeu bem — dever começar a acção do seu drama.

N'uma casa de modesta mas remediada apparencia, vive tranquillo e feliz um honrado ancião com duas filhas que são as meninas dos seus olhos. Apesar da estreita amizade que une as duas donzellas, as suas tendencias e aspirações mostram-se completamente oppostas. A mais velha, Emilia, é presumida e ambiciosa. Julia, meiga e resignada. Os conselhos d'uma beata falsa, como quasi todas, despertam no coração de Emilia o desejo de realisar os seus doirados sonhos. Fortalecendo-lh'os e embellestando-lh'os consegue o seu fim, que é resolver-a a partir para o Brazil. É lá que esta devota senhora tinha alcançado a fortuna, que religiosamente dividia com os pobres, esperando assim alcançar indulgencias para os seus peccados, que eram muitos, segundo ella propria confessava, mas affectando hypocritamente o contrario. Honrosas relações que ainda conservava no Rio de Janeiro obrigavam-na a estas commissões caritativas, que desempenhava perfeitamente. Seduzida pelos deslumbramentos da riqueza, a donzella cede ás suas instancias e foge dos braços de seu pae, de sua irmã, e do mancebo que a idolatrava e lhe estava destinado para marido, para ir fazer fortuna.

Não podemos deixar de confessar que achamos pouco justificada esta partida. A alliciação por esta forma julgamos-a impossivel para uma donzella recatada e que nem sequer conhece a miseria. Ha só uma classe de mulheres, a ultima d'ellas, que emprehende semelhantes viagens ao Brazil. Na posição da heroína do drama nenhuma arriscaria igual passo, a não ser illudida por um homem a quem amasse e na companhia d'elle.

N'este acto, ou para melhor dizer, n'este prologo, apresentou-nos o autor algumas scenas e costumes populares que fazem realçar o quadro.

Os tres actos que se seguem, transportam o espectador ao Brazil.

Tres figuras sobresaem n'elles: Emilia, Aurelio, e Berenice, a escrava preta. A primeira é já nossa conhecida: conseguiu parte do que desejava, vive no centro do luxo, arrasta sedas, roda em carruagens, deslumbra com os brilhantes; é a amante de Aurelio Sanches, um dos mais poderosos contractadores de carne humana, conforme a propria denominação do autor.

O character revoltante de Aurelio é, na nossa humilde opinião, o mais bem sustentado e perfeito do drama. É o verdadeiro homem de marmore e a expressão exacta d'aquella raça de gente.

Berenice só a podemos considerar uma criação phantastica ou um typo puramente ideal. Faz lembrar a Guanamara dos *Burgraves*, e como ella tambem parece só filha da imaginação do poeta.

Ha no quinto acto dois pensamentos altamente dramaticos e poeticos, e que são sem duvida uma das maiores bellezas da obra. É a coincidência da volta da filha perdida e desgraçada ao lar paterno, no mesmo dia da sua partida — dia dos annos de seu pae; e é tambem a leitura na Biblia da parábola do filho prodigo allusiva á situação, feita pela irmã.

Nota-se igualmente n'este drama bastante espirito de observação, e uma certa elevação de idéas que o recommenda. Quizeramos, porém, menos abundancia de imagens e mais verdade no dialogo: observámos que o estylo destoa por vezes do personagem que o profere.

O drama do sr. Lacerda resente-se ainda da escola ultra-romantica e resuscita-n'algumas scenas.

Todavia é dever confessar que apar de pequenos defeitos existem grandes bellezas, e que o drama *Fazer fortuna* soube alcançá-las nas lettras.

Em geral o desempenho foi muito lisonjeiro.

ERNESTO BIESTER.

BIBLIOGRAPHIA.

Saiu á luz a petição de recurso á corôa, interposto pelo excellentissimo e reverendissimo arcebispo de Mytilene, provisor e vigario geral do patriarchado, do decreto de 14 de julho, pelo qual o eminentissimo e reverendissimo cardeal patriarcha, com manifesta violencia e oppressão, o suspendeu das funcções pontificaes e das de vigario geral; pelo advogado Abel Maria Jordão. — Preço 100 réis.